

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE MATO GROSSO DO SUL  
FACULDADE DE ARTES, LETRAS E COMUNICAÇÃO  
CURSO DE JORNALISMO**

**RELACIONAMENTO ABUSIVO NA ADOLESCÊNCIA:  
GRANDE REPORTAGEM SOBRE OS IMPACTOS  
EMOCIONAIS CAUSADOS POR UMA VIOLÊNCIA  
SILENCIOSA**

Campo Grande-MS

JUNHO/2025

# **RELACIONAMENTO ABUSIVO NA ADOLESCÊNCIA: GRANDE REPORTAGEM SOBRE OS IMPACTOS EMOCIONAIS CAUSADOS POR UMA VIOLÊNCIA SILENCIOSA**

**POLYANA BARBOSA VERA**

Relatório apresentado como requisito parcial para aprovação de Componente Curricular Não Disciplinar (CCND) Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) do Curso de Jornalismo da Faculdade de Artes, Letras e Comunicação (FAALC) da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul (UFMS).

Orientador(a): Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Taís Marina Tellaroli Fenelon

## **FACULDADE DE ARTES, LETRAS E COMUNICAÇÃO**

Cidade Universitária, s/nº - Bairro Universitário  
79070-900 - Campo Grande (MS)  
Fone: (0xx67) 3345-7607 <http://www.ufms.br>  
<http://www.jornalismo.ufms.br> / [jorn.faalc@ufms.br](mailto:jorn.faalc@ufms.br)

# ATA DE APROVAÇÃO

30/06/2025, 13:47

SEI/UFMS - 5671662 - Ata



Serviço Público Federal  
Ministério da Educação

Fundação Universidade Federal de Mato Grosso do Sul



## ATA DE DEFESA DO TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO

**Título do Trabalho:** Relacionamento abusivo na adolescência: grande reportagem sobre os impactos emocionais causados por uma violência silenciosa

**Acadêmica:** Polyana Barbosa Vera

**Orientadora:** Tais Marina Tellaroli Felon

**Data:** 27/06/2024

**Banca examinadora:**

1. Laura Seligman
2. Ana Renata Scucuglia

**Avaliação:** ( x ) Aprovado ( ) Reprovado

**Parecer:** A banca indica o trabalho à veiculação e exibição externa.

Campo Grande, 27 de junho de 2025.

NOTA  
MÁXIMA  
NO MEC

UFMS  
É 10!!!



Documento assinado eletronicamente por **Tais Marina Tellaroli Felon, Professora do Magistério Superior**, em 27/06/2025, às 16:03, conforme horário oficial de Mato Grosso do Sul, com fundamento no § 3º do art. 4º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).

NOTA  
MÁXIMA  
NO MEC

UFMS  
É 10!!!



Documento assinado eletronicamente por **Laura Seligman, Professora do Magistério Superior**, em 27/06/2025, às 16:24, conforme horário oficial de Mato Grosso do Sul, com fundamento no § 3º do art. 4º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



A autenticidade deste documento pode ser conferida no site [https://sei.ufms.br/sei/controlador\\_externo.php?acao=documento\\_conferir&id\\_orgao\\_acesso\\_externo=0](https://sei.ufms.br/sei/controlador_externo.php?acao=documento_conferir&id_orgao_acesso_externo=0), informando o código verificador 5671662 e o código CRC D85EC914.



Serviço Público Federal  
Ministério da Educação  
**Fundação Universidade Federal de Mato Grosso do Sul**



30/06/2025, 13:47

SEI/UFMS - 5671662 - Ata

**COLEGIADO DE GRADUAÇÃO EM JORNALISMO (BACHARELADO)**

Av. Costa e Silva, s/nº - Cidade Universitária

Fone:

CEP 79070-900 - Campo Grande - MS

---

Referência: Processo nº 23104.015712/2025-27

SEI nº 5671662



## AGRADECIMENTOS

Dedico este trabalho, primeiramente, aos meus dois grandes amores: meu pai Anacleto e minha mãe Cleuza, por serem meus maiores apoiadores mesmo nos momentos mais difíceis da minha vida. Por nunca terem medido esforços para me ajudar e fazer com que eu chegasse até aqui. E por exatamente todo sacrifício feito pela nossa criação. Eles são a representação mais clara do amor de Deus na minha vida.

Ao meu irmão e minha cunhada, Heictor e Ester, que mesmo a quilômetros de distância estiveram do meu lado, vibrando pelas minhas conquistas e me motivando a ir cada vez mais longe. E ao meu sobrinho, Joaquim, que mesmo sendo uma criança, preenche meus dias de alegria e me lembra constantemente do que realmente importa.

Ao Matheus, por me mostrar que sou capaz de alcançar tudo que almejo. Que mesmo apesar da rotina cansativa, sempre esteve disposto e comprometido para me ajudar no que fosse preciso. E, acima de tudo, por me mostrar, dia após dia, que compartilhar as responsabilidades da vida com alguém que se ama torna qualquer fardo mais leve.

Aos meus amigos de turma, Ana Carolline, Keyla, Mellissa, Ian e Helder por dividirem essa loucura chamada de graduação e por fazerem meus dias mais leves. E aos meus colegas da atlética e principalmente da bateria, Lara e Gabriel que tornaram vários dos meus dias menos estressantes e me mostraram a importância de ter amigos na vida. E a todos os meus amigos e amigas que de alguma forma, dividiram fardos, responsabilidades e fizeram parte da criação e estruturação desse projeto.

A minha orientadora, Taís Fenelon por todo direcionamento e por acreditar no meu potencial e no meu amor pelo telejornalismo.

E, por fim, a todas as mulheres que vieram antes de mim. Mulheres que abriram caminhos, que lutaram por nossos direitos, mas que infelizmente foram silenciadas por um país ainda marcado pela violência de gênero. A vocês, minha eterna admiração e meu compromisso de seguir em luta. Que este trabalho seja também um ato de resistência, memória e esperança por dias mais justos para todos nós.



Serviço Público Federal  
Ministério da Educação  
**Fundação Universidade Federal de Mato Grosso do Sul**



Somente por meio da educação poderemos ter, a longo prazo, uma sociedade menos machista e mais igualitária. Muito ainda deve ser feito. E a mudança cultural precisa de mais tempo para acontecer.

Maria da Penha



## SUMÁRIO

Resumo	8
Introdução	10
1. Atividades desenvolvidas	13
1.1 Execução	14
1.2 Dificuldades encontradas	15
1.3 Objetivos alcançados	16
2. Suportes teóricos adotados	17
2.1 Grande Reportagem	17
2.2 Lei Maria da Penha para adolescentes	20
2.3 Prevenção sobre a violência no ensino escolar	22
Considerações finais	24
Referências	25
Anexos	27
Apêndice	29



## **RESUMO:**

Essa grande reportagem<sup>1</sup> tem como objetivo dar voz às dores, traumas e aflições que as mulheres carregam após vivenciarem relacionamentos abusivos na adolescência, evidenciando como o machismo está profundamente enraizado na sociedade e se manifesta desde cedo. Foram entrevistadas quatro mulheres (Daniele, Gabriela, Karen e Polyana) que sofreram diferentes formas de abuso durante a adolescência, proporcionando uma imersão profunda em suas histórias e nos principais traumas que marcaram suas vidas. A coleta de dados revelou que muitas mulheres ainda temem denunciar, suportando por dias, meses ou até anos uma violência disfarçada de amor. Com o aumento alarmante dos casos de feminicídio e violência contra a mulher no Brasil, este trabalho visa contribuir para um diagnóstico precoce dos agressores e conscientizar a sociedade de que a violência contra a mulher não se restringe à fase adulta. O resultado obtido destaca a importância de um jornalismo que valoriza as vozes femininas e assegura uma cobertura que promova a igualdade de gênero, além de reforçar a necessidade de políticas públicas eficazes para proteger os direitos das mulheres.

## **PALAVRAS- CHAVE**

Jornalismo. Violência. Adolescentes. Machismo. Relacionamento Abusivo.

---

<sup>1</sup> Disponível em: <https://youtu.be/DqFy9hr1RkQ?si=Q6AMVdjHyuRpXiuH>



**ABSTRACT:**

This report aims to give voice to the pain, trauma, and anguish that women carry after experiencing abusive relationships during adolescence, highlighting how deeply rooted machismo is in society and how it manifests from an early age. Four women who suffered different forms of abuse during their teenage years were interviewed, offering a deep immersion into their stories and the main traumas that marked their lives. In-depth research combined with data collection reveals that many women still fear reporting abuse, enduring violence disguised as love for days, months, or even years. With the alarming rise in femicide and violence against women in Brazil, this work seeks to contribute to the early identification of abusers and raise awareness that violence against women is not limited to adulthood. The results underscore the importance of journalism that values women's voices and ensures coverage that promotes gender equality, while also reinforcing the need for effective public policies to protect women's rights

**KEYWORDS:**

Journalism. Violence. Teenagers. Machism. Abusive relationship.



## INTRODUÇÃO

No final do século XIX e início do século XX consolidou-se a concepção da adolescência como uma fase específica do desenvolvimento humano, marcada por transformações físicas, emocionais e sociais. De acordo com o Estatuto da Criança e do Adolescente (Lei nº 8.069/90)<sup>2</sup>, é considerada criança a pessoa até os 12 anos incompletos, e adolescente aquela entre 12 e 18 anos. Essa etapa da vida é atravessada por grande diversidade e pluralidade, seja nos comportamentos, nas referências identitárias, nas linguagens ou nas formas de socialização, o que torna impossível defini-la de forma única e homogênea (Traverso-Yépez, 2002).

É também nessa fase que se iniciam os primeiros relacionamentos afetivos, momento em que muitas adolescentes estão vulneráveis a experiências marcadas por abusos. Por falta de maturidade, discernimento ou apoio, nem sempre conseguem identificar sinais de violência, que podem surgir de forma sutil. Como destaca Rieth (1998), uma das características da adolescência é justamente o processo de experimentação amorosa e sexual, que envolve formas variadas de autoconhecimento por meio da relação com o outro. No entanto, esse processo nem sempre é saudável.

Esta grande reportagem ouviu quatro mulheres que sofreram abusos ainda na adolescência. Seus relatos foram reunidos com o objetivo de dar visibilidade a essas vivências e servir como alerta para outras meninas, para que consigam reconhecer sinais de violência e interromper ciclos abusivos.

Na maioria dos casos, os comportamentos abusivos se manifestam por meio de atitudes de controle, manipulação e isolamento, muitas vezes disfarçadas de cuidado. O envio constante de mensagens, as humilhações e os discursos de ódio contribuem para o enfraquecimento emocional da vítima. A terapeuta Paula Napolitano alerta que, para muitas adolescentes, esses sinais são difíceis de identificar, já que o agressor costuma se apresentar como alguém protetor. Esse padrão é naturalizado a ponto de confundir a vítima, que passa a aceitar a violência como uma demonstração de amor.

Maya — nome fictício usado a pedido da entrevistada — foi uma das vítimas. Aos 15 anos, foi agredida por seu ex-namorado, que não aceitava o fim do relacionamento.

---

<sup>2</sup> Disponível em: [https://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/leis/18069.htm](https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/18069.htm). Acesso em 14 abr 2025



Durante uma discussão, ele mordeu suas costas, causando ferimentos que exigiram cuidados médicos e uso de medicamentos. Mesmo após o término, ela continuou a receber mensagens ameaçadoras.

A história de Maya é apenas um exemplo e representa os diversos casos de meninas que sofrem silenciosamente dentro de um relacionamento abusivo, e que, na maioria das vezes, por falta de informação e até por medo, nem sabem que estão passando por um.

Dados da Pesquisa Nacional de Violência contra a Mulher (2023)<sup>3</sup> mostram que 39% das mulheres entre 16 e 24 anos sofreram algum tipo de agressão em Mato Grosso do Sul. Esses números revelam a urgência de se discutir a violência nos relacionamentos desde a juventude. Agressões que começam de forma sutil tendem a se intensificar com o tempo, e o controle emocional exercido pelo agressor pode evoluir para violência física, psicológica ou até mesmo feminicídio.

A desigualdade, longe de ser natural, é posta pela tradição cultural, pelas estruturas de poder, pelos agentes envolvidos na trama de relações sociais. Nas relações entre homens e entre mulheres, a desigualdade de gênero não é dada, mas pode ser construída, e o é, com frequência. (Saffioti, 2004, p. 75)

Segundo dados da Secretaria de Segurança Pública, Mato Grosso do Sul está entre os estados com maior incidência de feminicídios no Brasil. De acordo com o Monitor de Violência Contra a Mulher<sup>4</sup>, até o final do mês de maio, o estado já contabilizava 15 casos, número muito próximo ao registrado no mesmo período de 2024, quando foram contabilizados 16.

Entre os casos mais recentes, destaca-se o assassinato da jornalista Vanessa Ricarte<sup>5</sup>, ocorrido em 12 de fevereiro, em Campo Grande-MS. A vítima foi morta de forma brutal pelo noivo, cuja imagem pública era de alguém gentil e íntegro. O autor desferiu diversos golpes de faca contra a jornalista, chocando a imprensa e a sociedade.

---

<sup>3</sup> Disponível em:

<https://www12.senado.leg.br/institucional/datasenado/arquivos/pesquisa-nacional-de-violencia-contra-a-mulher-datasenado-2023>. Acesso em 14 abr 2025

<sup>4</sup> Disponível em: <https://www.sigo.ms.gov.br/PainelViolenciaDomestica/painel-externo/>. Acesso em 5 jun 2025

<sup>5</sup> Disponível em:

<https://g1.globo.com/ms/mato-grosso-do-sul/noticia/2025/02/13/jornalista-e-a-segunda-vitima-de-femicidio-e-m-ms-neste-ano.ghtml>. Acesso em 5 jun 2025



Outro crime que chamou atenção foi o feminicídio de Vanessa Medeiros<sup>6</sup>, de 23 anos, e de sua filha de apenas 10 meses, em 26 de maio, também na capital do estado. O autor, pai da criança, alegou que não queria pagar pensão alimentícia e que a esposa e a filha representavam um “problema” em sua vida. Ele estrangulou as duas e, posteriormente, carbonizou os corpos. Apenas três dias depois, uma mulher, que não teve o nome divulgado, foi baleada pelo companheiro em um posto de combustíveis, enquanto tentava fugir de uma situação de violência<sup>7</sup>.

Esses casos evidenciam de forma clara e alarmante a gravidade do feminicídio, que representa a forma mais extrema da violência de gênero contra a mulher. Desde a promulgação da Lei nº 13.104<sup>8</sup>, de 9 de março de 2015, conhecida como Lei do Feminicídio, o crime é legalmente reconhecido como o assassinato de mulheres em razão do sexo feminino, especialmente nos contextos de violência doméstica e familiar ou em situações marcadas por menosprezo e discriminação à condição de mulher.

Uma das motivações que me levaram a produzir esta grande reportagem em formato audiovisual é o crescente acesso de adolescentes à internet nos últimos anos. Uma pesquisa da Unesco<sup>9</sup> indica que crianças e adolescentes estão acessando as redes sociais cada vez mais precocemente. Diante desse cenário, a proposta é que este material atinja principalmente jovens mulheres que estejam vivenciando ou tenham vivenciado situações de violência ou relacionamentos abusivos.

A escassez de informações voltadas ao público jovem sobre os impactos dos relacionamentos abusivos na adolescência despertou meu interesse em desenvolver este projeto em formato de vídeo reportagem. A proposta é abordar as relações heteroafetivas, com foco na perspectiva das adolescentes e nas formas como o machismo se manifesta nessas vivências. Como mulher, nutro o desejo de um futuro em que não seja necessário acordar todo dia com receios constantes sobre os diversos tipos de violência aos quais estamos expostas, violências que, muitas vezes, resultam em traumas permanentes. O relacionamento

---

<sup>6</sup> Disponível em:

<http://g1.globo.com/ms/mato-grosso-do-sul/noticia/2025/05/27/dormi-melhor-porque-tinha-me-livrado-de-um-problema-disse-a-policia-homem-que-matou-esposa-e-filha-carbonizadas-em-ms.ghtml>. Acesso em 5 jun 2025

<sup>7</sup> Disponível em:

<https://g1.globo.com/ms/mato-grosso-do-sul/noticia/2025/05/29/video-mulher-tenta-fugir-de-sequestro-e-e-persseguida-a-tiros-pelo-marido-em-ms.ghtml>. Acesso em 5 jun 2025

<sup>8</sup> Disponível em: [http://planalto.gov.br/ccivil\\_03/\\_ato2015-2018/2015/lei/113104.htm](http://planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2015-2018/2015/lei/113104.htm). Acesso em 5 jun 2025

<sup>9</sup> Disponível em: <https://cetic.br/pt/tics/educacao/2018/escolas-urbanas-alunos/B3/expandido>. Acesso em 5 jun 2025



abusivo na adolescência é, muitas vezes, o início de um ciclo que pode evoluir para violência doméstica e, em casos extremos, no feminicídio.

Desenvolver este projeto como Trabalho de Conclusão de Curso tem um significado profundo. Além de ser um tema com o qual me identifiquei pessoalmente, trata-se de uma pauta frequentemente negligenciada ou distorcida pela grande mídia, o que contribui para a sua perpetuação na sociedade. É fundamental compreender que nenhum tipo de violência é justificável ou aceitável, independentemente da idade da vítima ou da forma como a agressão se manifesta.

Com este trabalho, busco contribuir para a dignidade e o fortalecimento de meninas e mulheres que enfrentam, ou enfrentaram, situações de violência no namoro, no ambiente doméstico ou familiar. Que este produto possa ser um instrumento de informação, reflexão e, sobretudo, de encorajamento para que mais vozes possam ser ouvidas.

## **1. Atividades desenvolvidas**

Inicialmente, foi realizada uma pesquisa bibliográfica sobre o tema, bem como o levantamento de dados e a identificação de possíveis fontes especializadas para a reportagem.

Para as fontes personagens, foram realizadas entrevistas com três mulheres, abordando suas vivências em relacionamentos marcados por violência. Os relatos trataram do processo de abuso, das circunstâncias do término e das consequências emocionais que persistem até os dias atuais. As entrevistas foram conduzidas em Campo Grande, utilizando duas câmeras digitais Nikon apoiadas em tripés e um microfone de lapela, a fim de garantir qualidade técnica de imagem e som. Optou-se por um enquadramento mais aberto em uma das câmeras e um plano fechado na outra, com o intuito de capturar reações emocionais das entrevistadas.

Com base no material coletado, foi elaborado o roteiro de gravação, incluindo offs, passagens e trechos das entrevistas (sonoras). Após a construção do roteiro, o texto foi submetido a uma revisão criteriosa junto à orientadora deste trabalho, para então ser gravado. Em seguida, foi realizada a edição do conteúdo para a finalização do produto. Durante a edição, também redigi este relatório final.



## 1.1 Execução

O planejamento do projeto teve início ainda na disciplina de Pesquisa em Jornalismo, com o objetivo de garantir organização e qualidade no resultado final. A primeira etapa consistiu na definição das fontes e do cronograma de gravações.

A primeira gravação foi realizada em 17 de abril de 2025, com a Daniele Miranda, de 25 anos. Conteí com o apoio da estudante de jornalismo Keyla dos Santos. As imagens foram feitas utilizando um tripé, meu celular e o microfone de lapela.

Por se tratar de um tema sensível, procurei um ambiente silencioso e sem interferências sonoras para garantir uma captação adequada. Com autorização de Gabriel Barbosa, presidente da Empresa Júnior Brava, utilizei uma das salas da entidade, por aproximadamente uma hora.

No mesmo dia, consegui agendar e realizar outra entrevista, com a Gabriela Cenciarelli, de 22 anos. A gravação de última hora acabou gerando alguns desafios, como o esgotamento da bateria do celular e do microfone, além de conflitos com a disponibilidade da Keyla, que me deixaram sozinha para a gravação, e sem apoio técnico.

A terceira e última entrevista das personagens foi realizada em 25 de abril de 2025, com a Karen Silva Cruz, de 24 anos, na Universidade Federal de Mato Grosso do Sul (UFMS), após contato prévio via WhatsApp. Com o auxílio de Matheus Menezes, meu namorado, realizamos as gravações e imagens de apoio. Obtive autorização da coordenação do curso de Jornalismo e da secretaria para utilização de uma sala no bloco correspondente. A entrevista teve um andamento natural e sensível: compartilhamos experiências difíceis e pessoais sobre relacionamentos abusivos, e a conversa se estendeu por aproximadamente duas horas.

Durante o processo, realizei também uma busca ativa por fontes especialistas. A tentativa inicial de entrevistar uma promotora de outra cidade não foi bem-sucedida. Considerei fundamental ouvir uma psicóloga com experiência no atendimento a adolescentes. Por meio das redes sociais, encontrei a profissional Ana Renata Scucuglia, especialista em terapia do esquema<sup>10</sup>. Agendamos a entrevista para o dia 30 de abril de 2025, que também foi realizada integralmente por mim, incluindo as imagens de apoio.

---

<sup>10</sup>O que é a Terapia do Esquema? Disponível em: <https://iptc.net.br/o-que-e-a-terapia-do-esquema/>



Posteriormente, consegui contato da delegada Nelly Martins, que atua há mais de uma década em casos relacionados à violência na adolescência. Devido à sua carga de trabalho e plantões, a entrevista só pôde ser realizada no dia 7 de maio de 2025. Em razão do horário comercial, conduzi essa gravação sozinha, incluindo a captação das imagens de apoio. A participação da delegada foi essencial para apresentar uma análise técnica e institucional sobre os aspectos sociais e jurídicos relacionados à violência contra adolescentes.

Após a conclusão das entrevistas, iniciei o processo de decupagem do material. A análise foi feita de forma minuciosa, priorizando falas que abordassem diretamente os temas da violência, os traumas e as angústias vividas. Também foi necessário revisitar registros antigos, como capturas de tela de conversas abusivas datadas de 2018, para contextualizar o sofrimento das entrevistadas. Esse processo foi profundamente comovente, e me fez refletir, com empatia e respeito, sobre as dores precoces e intensas que essas jovens enfrentaram.

O principal objetivo nesta etapa foi garantir que os relatos das entrevistadas refletissem fielmente os temas centrais da reportagem: violência de gênero, machismo e os direitos das mulheres na sociedade.

Com a decupagem finalizada e os trechos selecionados, iniciou-se a fase de edição. Para essa etapa, contei com o apoio do colega de graduação Helder Carvalho, que ficou responsável pela montagem da reportagem. Foram utilizados os softwares iMovie e CapCut na finalização do produto.

## **1.2 Dificuldades Encontradas**

Durante o agendamento das entrevistas com as fontes especialistas, uma das maiores dificuldades encontradas foi a compatibilização de datas e horários, especialmente com a delegada e a psicóloga, cujas rotinas de trabalho são intensas e pouco flexíveis. Diante do feminicídio da jornalista Vanessa Ricarte, ocorrido em 12 de fevereiro, mesmo período em que comecei a produção deste material, já se previa a dificuldade de contato com fontes especialistas devido à delicadeza e à comoção em torno do caso. A entrevista com a delegada, por exemplo, só pôde ser realizada três semanas após o primeiro contato, pois a profissional atuava em regime de plantão nos finais de semana.

De modo geral, a comunicação com as fontes foi um dos principais desafios ao longo da produção. Das diversas mulheres contatadas para participar da reportagem, apenas uma pequena parte respondeu ou demonstrou interesse. Acredito que, ao mencionar que se trata de



um trabalho acadêmico, parte das fontes acaba não atribuindo à produção o mesmo valor que daria a uma solicitação da imprensa profissional. Essa sensação de distanciamento e desinteresse foi recorrente ao longo da graduação.

Também houve obstáculos durante o processo de captação. Investi na aquisição de um microfone de lapela com o intuito de melhorar a qualidade do áudio, mas, por inexperiência no manuseio, carreguei apenas a base do equipamento, esquecendo de carregar os microfones em si. Isso causou um atraso de aproximadamente 40 minutos no início de uma das entrevistas, até que fosse possível carregar os dispositivos minimamente.

Outro contratempo foi a dificuldade de interação com algumas fontes, que se mostraram bastante tímidas durante as gravações. Apesar da disposição em colaborar, o nervosismo diante da câmera dificultou a fluidez da entrevista.

Durante a etapa de decupagem e edição, identifiquei problemas técnicos que comprometeram parcialmente a qualidade do material. Um dos enquadramentos das entrevistas com a fonte especialista, por exemplo, ficou desalinhado, devido à ausência de apoio técnico no momento da gravação. Todas as entrevistas foram realizadas com o meu celular, o que gerou limitações como memória cheia e comprometimento da bateria, exigindo o uso contínuo do aparelho conectado à fonte de energia.

A edição também representou um desafio significativo. Embora eu tenha tido contato com softwares de edição ao longo da graduação, a prática foi insuficiente para desenvolver uma montagem mais aprofundada e fluida. Em um primeiro momento, tentei realizar toda a edição sozinha, mas ao perceber que o processo poderia comprometer o cronograma de entrega e a qualidade final do produto, optei por buscar o auxílio de um colega com experiência na área. A colaboração foi fundamental para agilizar a finalização da reportagem.

### **1.3 Objetivos Alcançados**

Os principais objetivos propostos para este produto foram plenamente alcançados. A grande reportagem permitiu compreender, por meio de relatos reais, as experiências de mulheres que sofreram violência física, psicológica e moral durante a adolescência. A partir desses depoimentos, foi possível identificar dores, traumas, angústias e marcas visíveis e invisíveis — deixadas pela violência e que ainda impactam significativamente suas vidas.



A análise de cada história possibilitou o entendimento sobre como os ciclos de abuso se iniciam e se consolidam, bem como os fatores que contribuem para a ruptura desses relacionamentos. Além disso, o material evidencia como o machismo se manifesta precocemente nas relações afetivas entre adolescentes, muitas vezes reproduzido por jovens que sequer têm plena consciência da gravidade de seus atos. Essa percepção é essencial para a formulação de estratégias de prevenção e conscientização desde os primeiros relacionamentos.

As entrevistas também revelaram que, embora o machismo estrutural ainda esteja fortemente enraizado na sociedade, as mulheres têm se tornado cada vez mais conscientes dos seus direitos e estão buscando informação e apoio. É papel das políticas públicas, especialmente no âmbito educacional, levar essas discussões para dentro das escolas, contribuindo para a formação de uma juventude mais crítica e preparada para romper ciclos de violência.

Destaca-se, ainda, a relevância local do tema: Mato Grosso do Sul registrou, em 2025, a segunda maior taxa de feminicídio do país, de acordo com dados das Secretarias Estaduais de Segurança Pública. Diante disso, é urgente e necessário promover a reflexão, o debate e a ação concreta sobre a violência de gênero desde a adolescência

## **2 - Suportes Teóricos Adotados**

Os suportes teóricos adotados nesta pesquisa foram essenciais para demonstrar que a violência contra a mulher não se restringe à fase adulta, mas pode ter início ainda na adolescência, muitas vezes antes mesmo de a vítima perceber que está inserida em um ciclo abusivo. Por meio de uma abordagem sensível e cuidadosa, o trabalho busca evidenciar os diversos fatores que contribuem para a fragilidade do sistema de justiça, especialmente quando atravessado por questões de gênero. Além disso, o produto tem como objetivo analisar as múltiplas formas de violência enfrentadas por mulheres, tanto dentro quanto fora de relacionamentos afetivos.

### **2.1 Formato - Grande Reportagem**

A grande reportagem é compreendida como um gênero da linguagem audiovisual que se diferencia das reportagens noticiosas diárias pela profundidade do conteúdo, pela duração mais extensa e pelo estilo narrativo mais elaborado. Trata-se de um formato que exige maior



dedicação investigativa e apuração detalhada, sendo frequentemente utilizado por jornalistas, mas também por outros profissionais da comunicação.

Segundo Spinelli (2012), uma das principais distinções da grande reportagem em relação a outros formatos, como o documentário, está no papel do repórter. A autora destaca que, na grande reportagem, o repórter atua como figura central na construção da narrativa jornalística, sendo responsável por articular os elementos da pauta com base nos princípios da imparcialidade e da objetividade. Já no documentário, embora possa haver uma condução pessoal da história, não há necessariamente o mesmo compromisso com a objetividade jornalística.

Este trabalho, mais do que relatar histórias, buscou vivenciar e compreender, enquanto mulher, as dores e as marcas deixadas pelas experiências de violência. A intenção foi mergulhar nas realidades retratadas, compreendendo de forma empática como os traumas, as angústias e os contextos sociais influenciaram a trajetória das vítimas. A intensidade dos temas abordados é um dos elementos característicos da grande reportagem, conforme apontado por Jaspers (1998), que ressalta a profundidade como diferencial desse formato, possibilitando a exploração de diversas facetas de um mesmo problema.

Dessa maneira, torna-se evidente que a produção de uma grande reportagem requer um tempo ampliado para a construção da pauta, levantamento de dados, entrevistas, captação de imagens e coleta de informações, elementos que, quando bem estruturados, contribuem significativamente para a qualidade e a densidade do produto final.

A pauta é um desafio importantíssimo que bem fundamentada evita a perda de tempo e estabelece um consenso entre os profissionais envolvidos, reduzindo a incidência de erros na condução das matérias. Outro fator importante nessa etapa é considerar a escolha das fontes que serão entrevistadas, primeiramente, é preciso que as entrevistas tragam uma abordagem nova sobre a temática e, segundo, que possibilite maior pluralidade de opiniões, permitindo uma melhor leitura do telespectador sobre o assunto. (Carvalho, 2010, p. 35)

A flexibilidade e a diversidade que a reportagem proporciona ao jornalismo são fundamentais para a abordagem de conteúdos com maior profundidade. Isso significa que, além de investigar e informar sobre uma ampla variedade de temas, a grande reportagem possibilita uma imersão mais intensa por parte do receptor, especialmente após a finalização



do produto. Segundo Carvalho (2010, p. 21), o que torna uma reportagem especial é o tratamento conferido a ela, com maior esmero tanto em termos de conteúdo quanto de forma: “mais primoroso, tanto de conteúdo quanto plástico”.

A reportagem não ocupa lugar central apenas na definição da profissão, ocupa também um lugar muito particular na relação entre a chamada memória individual e a memória coletiva. Por um lado, é a narrativa de um indivíduo em particular, o repórter, cuja narração se baseia, em grande medida, em sua própria história ou, muitas vezes, naquilo que é transmitido por seus “contatos”. Ela é escrita, na maior parte das vezes, na forma de um “testemunho”, uma vez que depende da “presença” do repórter, seja na pesquisa para a matéria, seja no próprio acontecimento. Por outro, refere-se a eventos cuja importância vai além do próprio indivíduo e que, desta forma, são considerados “coletivos”, “sociais” (BERGAMO, 2011, p. 246).

Esse formato jornalístico, caracterizado pela apuração aprofundada e pelo tempo estendido dedicado ao tema, revelou-se essencial para dar visibilidade às vozes das vítimas e, simultaneamente, evidenciar a gravidade dos impactos que a violência pode provocar na vida de adolescentes do sexo feminino. A partir dos relatos individuais, foi possível compreender as dores, as cicatrizes e as aflições que essas experiências deixaram.

A rigor, todas as mídias, desde o jornal até as mídias mais recentes, são formas híbridas de linguagem, isto é, nascem na conjugação simultânea de diversas linguagens. Suas mensagens são compostas na mistura de códigos e processos signícos com estatutos semióticos diferenciais (Santaella, 2003, p. 43)

Ao tratar de temas como o machismo estrutural, a violência de gênero e o papel da mulher na sociedade, a reportagem ultrapassa a simples narrativa de experiências pessoais. Contribui, assim, para a construção de uma abordagem mais ampla e crítica sobre uma realidade que afeta diretamente a autoestima, a saúde mental e a percepção de identidade das vítimas — revelando, muitas vezes, feridas invisíveis, mas profundamente enraizadas.



## 2.2 Lei Maria Da Penha Para Adolescentes

O Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA) e a Lei Maria da Penha compõem um conjunto de legislações fundamentais para o enfrentamento da violência contra adolescentes, especialmente em casos de relacionamentos abusivos.

É importante destacar que a violência não se limita à esfera física; abrange também formas psicológicas, morais e verbais, como humilhações, gritos, ofensas e destruição de objetos. Tais comportamentos, por vezes naturalizados ou não identificados pelas próprias vítimas, tendem a provocar danos psicológicos profundos e cumulativos.

Embora muitas situações não sejam nomeadas como violência pelos/pelas jovens, podem trazer danos aos seus relacionamentos afetivo-sexuais iguais àqueles reconhecidos como violência. A violência nas relações afetivo-sexuais entre adolescentes pode ter várias consequências negativas na saúde, indo desde danos imediatos ainda na adolescência, até efeitos que comprometem o bem-estar ao longo da vida. (Schleiniger; Strey, 2004 ).

A violência doméstica configura-se como um problema social recorrente, exigindo enfrentamento contínuo e eficaz por parte do Estado e da sociedade. Dados da Pesquisa Nacional de Saúde do Escolar (PeNSE), realizada pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) em 2019, indicam que adolescentes entre 13 e 15 anos iniciam relacionamentos afetivos cada vez mais precocemente. Esse dado reforça a necessidade de campanhas de conscientização e educação sobre relacionamentos saudáveis, pautados no respeito mútuo e na ética.

As formas comuns de tentativa de controle sobre a vida do outro nas relações afetivo-sexuais entre adolescentes são o controle de comportamentos, das roupas usadas pelo(a) parceiro(a), dos nomes nas agendas dos celulares, dos acessos às redes sociais do(a) parceiro(a), das pessoas com quem conversa, dos lugares que frequentam e das formas de expressar afetos pelos(as) amigos(as). Há circunstâncias em que o controle ganha contornos de obsessão e toma forma de perseguição, podendo desencadear em agressões físicas. (Schleiniger; Strey, 2004 p.3)



Apesar dos avanços proporcionados pela implementação da Lei Maria da Penha, a violência de gênero permanece como reflexo de uma sociedade ainda marcada pelo machismo estrutural. Segundo dados divulgados em 2023 pelo Fórum Brasileiro de Segurança Pública<sup>11</sup>, 33,4% das mulheres brasileiras sofreram algum tipo de violência doméstica ou sexual praticada por seus companheiros — um índice superior à média global de 27%, conforme estimativas da Organização Mundial da Saúde (OMS). Esse percentual representa aproximadamente 21,5 milhões de mulheres no país. No contexto estadual, dados do Observatório da Cidadania apontam que, em 2024, o Mato Grosso do Sul registrou quase 21 mil casos de violência doméstica contra mulheres.

Outro marco legal relevante é a Lei nº 14.344/2022, conhecida como Lei Henry Borel, que assegura a proteção integral de crianças e adolescentes vítimas de violência. A legislação estabelece que, nos casos em que o agressor for menor de idade, a responsabilidade pela análise das medidas protetivas será do Juiz da Vara da Infância e Juventude. Já quando o agressor for adulto, a competência recai sobre o Juiz da Vara de Violência Doméstica e Familiar contra a Mulher.

Essa diferenciação é essencial para garantir que o atendimento às vítimas ocorra de forma adequada às especificidades de cada caso, respeitando a faixa etária e a condição de vulnerabilidade das vítimas.

Esta Lei normatiza e organiza o sistema de garantia de direitos da criança e do adolescente vítima ou testemunha de violência, e cria mecanismos para prevenir e coibir a violência, da Convenção sobre os Direitos da Criança e seus protocolos adicionais, da Resolução no 20/2005, do Conselho Econômico e Social das Nações Unidas e de outros diplomas internacionais, que estabelece medidas de assistência e proteção à criança e ao adolescente em situação de violência (Brasil, Lei 14.344/22, Art. 1, parágrafo único).

“Os adolescentes têm sim problemas com os instintos, no entanto, mais importante do que isso é que eles querem ser alguém, ou seja, serem vistos em algum lugar no mundo.” (Winnicott, 2005, p. 123). Dessa forma é essencial que haja uma conscientização sobre manter relacionamentos saudáveis nesta fase da vida, visando a pouca experiência, imaturidade e egocentrismo na maioria dos casos.

---

<sup>11</sup> Disponível em: <https://publicacoes.forumseguranca.org.br/items/6b3e3a1b-3bd2-40f7-b280-7419c8eb3b39>



### 2.3 Prevenção Sobre A Violência No Ensino Escolar

A escola é uma instituição fundamental na formação integral dos alunos, tendo como missão não apenas a transmissão de conhecimentos, mas também o estímulo ao desenvolvimento de aspectos culturais, sociais e éticos. Nesse sentido, é imprescindível promover a aproximação dos estudantes a temas que envolvem os direitos humanos, incluindo a importância de estabelecer e manter relacionamentos afetivos saudáveis.

Contudo, devido à persistência de uma cultura machista estruturalmente enraizada na sociedade brasileira, a abordagem de questões relacionadas à violência de gênero entre adolescentes pode ser considerada polêmica. A desigualdade entre homens e mulheres ainda é um desafio significativo no país, o que reforça a necessidade de ações educativas contínuas e sensíveis. Entretanto, a Lei Maria da Penha, Lei Nº 11.340/06 prevê a realização de um conjunto de diversas ações, dentre as quais se destaca:

A promoção e a realização de campanhas educativas de prevenção da violência doméstica e familiar contra a mulher, voltadas ao público escolar e à sociedade em geral, e a difusão desta Lei e dos instrumentos de proteção aos direitos humanos das mulheres (Art. 8, Inciso V).

Conforme pesquisa realizada pelo Instituto Avon em parceria com Data Popular<sup>12</sup> através de um questionário online, em 2019, 53% de mulheres admitiram ter sofrido violência de alguma forma por parte do parceiro ou ex-namorado. Esses casos de agressão ocorreram em mulheres bem jovens com idades entre 15 e 23 anos que estavam em idade escolar. Os dados revelam altos índices de violência, principalmente após o término do relacionamento. A falta de rede de proteção é uma problemática que dificulta o enfrentamento à violência doméstica no país.

Neste contexto, cabe salientar os profissionais de educação a desenvolver estratégias que de alguma forma, aproximem os alunos desse tema, estimulando-os a se conscientizarem sobre esse assunto, como atividades, recursos, palestras e capacitações que falem sobre o direito das mulheres, as diferentes formas de violência, e como parceiros devem tratar as

---

<sup>12</sup> Disponível em:  
<https://assets-dossies-ipg-v2.nyc3.digitaloceanspaces.com/sites/3/2024/03/pesquisa-nacional-de-violencia-contra-a-mulher-datasenado-2023.pdf>



mulheres, visando a ética e respeito para ambos. O grande desafio no enfrentamento da violência contra a mulher é a efetivação de uma rede de serviços para atender as mulheres que vivem situações de violência que agreguem os diferentes programas e projetos, consolidando uma política social de atendimento. Os serviços existentes ainda não conseguem atender as mulheres de forma integral (Lisboa, 2005, p. 59).

Dessa forma, é fundamental que temas como a violência de gênero sejam cada vez mais incorporados ao ambiente escolar. A inclusão dessas discussões no currículo e em projetos pedagógicos pode ser decisiva para problematizar valores, comportamentos e discursos ligados ao machismo, além de estimular o pensamento crítico, a empatia e a postura cidadã dos estudantes. Considerando a relevância do papel da escola na formação de sujeitos ativos e conscientes, sua contribuição na prevenção da violência de gênero é indispensável.



## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao longo da construção desse trabalho, pude compreender ainda mais a complexidade e gravidade dos relacionamentos abusivos na adolescência. Mais do que estatísticas ou teorias, o que encontrei ao abordar cada singularidade foram histórias reais, carregadas por silêncios, medos, traumas e marcas, que muitas vezes não são ditas. Ao analisar esse tema, percebi o quanto ainda é necessário falar sobre isso; e mais do que falar, é preciso ouvir.

Durante minhas aulas práticas na disciplina em Laboratório de Telejornalismo, me interessei cada vez mais por esse assunto, e foi nesse momento que decidi o tema do produto que apresentaria como conclusão de curso. Me senti provocada a refletir sobre como o papel das redes sociais e de outros meios tecnológicos estimulam o machismo e homens cada vez mais agressivos.

Entendi também que, muitas vezes, o abuso começa de forma sutil, camuflado por atitudes que ainda são romantizadas, como o ciúme excessivo ou o controle disfarçado de cuidado. E infelizmente a vítima acaba questionando se está vivenciando um amor de novela ou caminhando a passos largos para mais uma estatística do feminicídio.

Este trabalho não teve como objetivo cessar de uma vez esse assunto, até porque seria impossível. Mas acredito que ele cumpre um papel importante: o de levantar questionamentos, propor diálogos e, principalmente, dar visibilidade a uma situação que ainda é ignorada por muitos. Meu objetivo sempre foi tratar o tema com responsabilidade e sensibilidade, mas sem perder a perspectiva da realidade que se esconde por trás de muitos casos subnotificados.

Sigo com a certeza de que a informação é uma das formas mais poderosas de prevenção desses casos de abuso. E se esse trabalho despertar, nem que seja em uma mulher, a coragem de repensar na sua relação ou ajudar alguém próximo, já terá cumprido o principal objetivo.

Finalizo minhas considerações finais com a certeza de que esta pesquisa não termina aqui. Ela continua nas rodas de conversa, nas matérias jornalísticas, nos debates escolares e, quem sabe, em futuras investigações acadêmicas. E nós mulheres, continuaremos lutando diariamente para não sermos assediadas, abusadas, violentadas e mortas. Queremos um espaço igualitário na sociedade, onde possamos andar, estar e viver sem medo de a qualquer momento ser vítima de um feminicídio.



## REFERÊNCIAS

ARRUDA, Sulene Cabral de. **Violência contra a mulher até o extremo do feminicídio.**

Recife. REVISTA PSIPRO, [S. l.], v. 1, n. 2, p. 01–38, 2022. Disponível em: <https://www.revistapsipro.com/index.php/psipro/article/view/18>.

BERGAMO, Alexandre. **Reportagem, memória e história no jornalismo brasileiro.** Maná, v. 2, 2011. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S0104-93132011000200001>. Acesso em 14/05/2025.

BRASIL, Lei 11.340, de 7 de agosto de 2006. **Lei Maria da Penha.** Brasília, DF:

Senado Federal. Disponível em:

<https://normas.leg.br/?urn=urn:lex:br:federal:lei:2006-08-07;11340>. Acesso: 14/05/2025

BRASIL. **Monitor da Violência e Fórum Brasileiro de Segurança Pública.** Visível e

invisível: a vitimização de mulheres no Brasil em 2025. Disponível em:

<https://static.poder360.com.br/2025/03/relatorio-visivel-e-invisivel-5ed-2025.pdf>. Acesso: 14/05/2025

CARVALHO, Viviane Soares. **Relacionamento abusivo: O ciclo de aprisionamento e dependência emocional.** v. 2, n. 36 (2022). Disponível em:

<https://revistas.faculdefacit.edu.br/index.php/JNT/article/view/1591>. Acesso em: 14/05/2025

DEGL'IESPOSTI, Júlio César. **A grande-reportagem na televisão brasileira:** Um estudo

do Globo Rural. FACULDADE CÁSPER LÍBERO, São Paulo 2009. Disponível em:

<https://static.casperlibero.edu.br/uploads/2014/04/A-grande-reportagem-na-televis%C3%A3o-brasileira.pdf>. Acesso em: 14/05/2025

GUARESCHI, Etieli; FACCO, Nathália. **Adolescentes e Os Relacionamentos Abusivos: A Tendência a Se Concretizar Em Casos De Violência Doméstica Contra Mulher.**

Seminário Internacional demandas sociais e políticas públicas na sociedade contemporânea.

Santa Cruz do Sul, RS. 2016. Disponível em:



<https://online.unisc.br/acadnet/anais/index.php/sidspp/article/view/%2015866>. Acesso em: 14/05/2025.

KOTSCHO, Ricardo. **A prática da reportagem**. São Paulo: Ática, 2005

NAZARETH, Stela Meneghel. **Relações entre violência doméstica e agressividade na adolescência**. Escola de Saúde Pública, Porto Alegre - RS. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/csp/a/mrrWm5N8jbW59Py3S5W9yys/?lang=pt>. Acesso em: 14/05/2025.

OSTEMBERG, Maria Mariana. **Os Perfis de Maria: Relatos de mulheres sobreviventes do relacionamento abusivo**. Campo Grande-MS: No prelo, 2018.

SANTOS, Jucélia Bispo dos. **Novos movimentos sociais: feminismo e a luta pela igualdade de gênero**. Revista Internacional de Direito e Cidadania, São Paulo, n. 9, p. 81-91, fev. 2011. Disponível em: <http://www.reid.org.br/arquivos/00000228-07-09-santos.pdf>. Acesso em: 14/05/2025.

SCHLEINIGER, Cristiane dos Santos. **Violência & gênero nas relações afetivo-sexuais entre adolescentes**. 2014. 28 f. Dissertação (Mestrado em Psicologia) - Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2014.

TRAVERSO-YÉPEZ, Martha. **Interface Psicologia Social e Saúde: Perspectivas e desafios**. Psicologia em Estudo, Maringá - PR. v.6,n.2, p.49-56, 2001. YORKE, Ivor. **Jornalismo diante das câmeras**. São Paulo: Summus Editorial; 2ª edição, 1998.



## ANEXOS



Foto para registro com uma das fontes personagens.  
Entrevista que foi realizada na UFMS.



Gerando imagens de apoio com a delegada ao final da  
entrevista na DEPCA.



Vídeos na DEPCA para gerar imagens de apoio (Delegacia Especializada de Proteção a Criança e ao Adolescente).



Foto para gerar imagens de apoio de uma das entrevistas personagens.



## APÊNDICES

**Entrevistada:** Nelly Gomes dos Santos Macedo - Delegada da Delegacia Especializada de Atendimento à Criança e ao Adolescente

**Tema:** Relacionamentos abusivos na adolescência

**Objetivo:** Compreender a atuação da delegacia e aspectos sociais relacionados aos casos de violência em relacionamentos entre adolescentes.

### **datas para entrevista**

**07/05 (quarta-feira) - 15h**

### **Introdução - Fonte especialista**

Boa tarde Nelly. Primeiramente, agradeço pela disponibilidade em conceder esta entrevista, que será utilizada como parte do meu Trabalho de Conclusão de Curso em Jornalismo. O tema da pesquisa é o relacionamento abusivo na adolescência, com foco nos impactos emocionais causados nas vítimas a curto e longo prazo, na identificação dos agressores, prevenção e atuação das autoridades competentes nesses casos com menores de idade. Seu conhecimento e experiência são muito importantes para ampliar a compreensão sobre como esses casos são tratados em diferentes pontos de vista.

### **Perguntas**

01 - Existe um perfil mais comum entre os agressores que praticam a violência em relacionamentos abusivos? O ciúmes disfarçado de amor, cuidado e carinho realmente existe no perfil dessas pessoas? Quais fatores sociais ou familiares podem contribuir para isso? **As respostas podem variar entre 3,5 e 10 minutos**

02 - Quais são os principais sinais indicativos de um relacionamento abusivo na adolescência, e como evitar esse tipo de relacionamento? Você acredita que familiares, educadores e profissionais da área podem identificá-los precocemente? **As respostas podem variar entre 3,5 e 10 minutos**

03- Como a Delegacia atua nos casos de violência psicológica ou emocional entre as jovens, especialmente quando não há evidências físicas visíveis? E como funciona o ciclo da violência nesses casos? **As respostas podem variar entre 3,5 e 10 minutos**

04 - Você já ouviu falar sobre a cartilha do namoro legal divulgada pelo ministério público de sp? Essa iniciativa visa conscientizar jovens sobre relacionamentos abusivos e como se distanciar deles. Qual sua opinião sobre ela? Acredita que de alguma forma ajude de fato nessa conscientização? **As respostas podem variar entre 3,5 e 10 minutos**

05- Na sua perspectiva, quais estratégias preventivas têm se mostrado mais eficazes no enfrentamento e na redução de relacionamentos abusivos entre adolescentes, considerando o contexto escolar e o uso das redes sociais? **As respostas podem variar entre 3,5 e 10 minutos**



06 - Quais os meios seguros disponíveis para que adolescentes possam denunciar situações de abuso em relacionamentos, especialmente nos casos em que não contam pra ninguém por medo ou por acharem que é coisa de adolescente, bobeira da idade e etc?

07 - E pra finalizar, nesse tempo todo de profissão, se dedicando a 10 anos sobre o assunto, qual foi a experiência mais inusitada como delegada desses casos? Você acredita que relacionamentos abusivos como esses são recorrentes na adolescência?

### **Encerramento**

Agradeço imensamente por compartilhar sua experiência e seus conhecimentos nesta entrevista. Suas contribuições são de grande valor para a construção deste trabalho e, principalmente, para refletirmos sobre a importância da prevenção e do combate aos relacionamentos abusivos na adolescência.

Caso deseje acrescentar alguma informação que considere importante e que não tenha sido abordada nas perguntas, o espaço está aberto.



## Roteiro de Entrevista

**Entrevistada:** Ana Renata Pessoa Machado Scucuglia - Psicóloga

**Tema:** Relacionamentos abusivos na adolescência

**Objetivo:** Compreender a atuação da psicologia no comportamento agressivo de menores infratores e conscientizar sobre a violência psicológica dentro dessas relações.

## Introdução - Fonte especialista

Boa tarde Ana! Primeiramente, agradeço pela disponibilidade em conceder esta entrevista, que será utilizada como parte do meu Trabalho de Conclusão de Curso em Jornalismo. O tema da minha pesquisa é o relacionamento abusivo na adolescência, com foco nos impactos emocionais causados nas vítimas a curto e longo prazo, e na identificação dos agressores. Seu conhecimento e experiência são muito importantes para ampliar a compreensão sobre como esses casos são tratados em diferentes pontos de vista.

## Perguntas

**1-** O que caracteriza um relacionamento abusivo na adolescência e por que, muitas vezes, as vítimas têm dificuldade em perceber que estão nessa situação? **As respostas podem variar entre 2,5 e 5 minutos**

**2-** Quais são os impactos psicológicos mais comuns que um relacionamento abusivo pode causar a curto e longo prazo? **As respostas podem variar entre 2,5 e 5 minutos**

**3 -** Por que os adolescentes têm uma grande dificuldade em encerrar um relacionamento abusivo? Mesmo aquela relação fazendo tão mal? **As respostas podem variar entre 2,5 e 5 minutos**

**4-** Existe um perfil mais "comum" entre os agressores que praticam a violência em relacionamentos abusivos? O ciúmes disfarçado de amor, cuidado e carinho realmente existe no perfil dessas pessoas? **As respostas podem variar entre 2,5 e 5 minutos**

**5-** Você consegue me dizer quais são os ciclos dessa violência? Como começa e termina? **As respostas podem variar entre 2,5 e 5 minutos**

**6 -** Porque muitos desses casos que acontecem na adolescência são ignorados e desprezados por adultos (como, isso é bobeira de adolescente) e não tem tamanha visibilidade como a violência de mulheres adultas? ( como se a violência por parte do infrator fosse descredibilizada porque muitas vezes ele é menor de idade...) **As respostas podem variar entre 2,5 e 5 minutos**



**7 - Qual o papel da psicoterapia no processo de recuperação emocional de vítimas de relacionamentos abusivos, e por onde esse tratamento costuma começar? As respostas podem variar entre 2,5 e 5 minutos**

**8 - E para finalizar, você acredita que relacionamentos abusivos são recorrentes na adolescência? E qual conselho você daria para as meninas que estão passando ou talvez nem saibam que estão passando por essa violência? As respostas podem variar entre 2,5 e 5 minutos**

### **Encerramento**

Ana, agradeço imensamente por compartilhar sua experiência e seus conhecimentos nesta entrevista. Suas contribuições são de grande valor para a construção deste trabalho e, principalmente, para refletirmos sobre a importância da prevenção e do combate aos relacionamentos abusivos na adolescência. Caso deseje acrescentar alguma informação que considere importante e que não tenha sido abordada nas perguntas, o espaço está aberto.